

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Eduardo Rachelle Boaz

**A visão dos alunos do Ensino Médio de uma Escola Pública Estadual sobre o
uso de roupa adequada nas aulas de Educação Física**

PORTO ALEGRE
2014

Eduardo Rachele Boaz

A visão dos alunos do Ensino Médio de uma Escola Pública Estadual sobre o uso de roupa adequada nas aulas de Educação Física

Monografia apresentada à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como pré-requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física.

Profª Orientadora: Denise Grosso da Fonseca

Porto Alegre
2014

Eduardo Rachele Boaz

**A visão dos alunos do ensino médio de uma escola pública estadual sobre o
uso de roupa adequada nas aulas de Educação Física**

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. – UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Denise Grosso da Fonseca – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que de alguma forma doaram um pouco de si para que a conclusão deste trabalho se tornasse possível:

Aos meus pais, irmãos e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Agradeço essa monografia em especial à Professora Doutora Denise Grosso da Fonseca, orientadora dedicada que com sabedoria soube dirigir-me os passos e os pensamentos para o alcance de meus objetivos, além da paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia. Obrigou-me a reescrever este trabalho tantas vezes para que eu aprendesse como ele ficava melhor a cada vez e como me fazia feliz vê-lo cada vez mais perfeito.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia. Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constantes.

Aos colegas de minha classe nesta Faculdade, em especial para o meu amigo e colega Artur Berger, que de tanto me perguntar e me fazer pensar e, pensando, aprendi cada vez mais a buscar as respostas para satisfazer-lhes o interesse e me aperfeiçoar na matéria.

Resumo

O objetivo desse estudo foi refletir sobre a visão dos alunos do ensino médio de uma escola pública estadual sobre o uso de roupa adequada nas aulas de Educação Física. Os dados aqui apresentados e discutidos surgiram da experiência durante o estágio supervisionado realizado em 2013/2, em que a preocupação com vestimentas adequadas para a prática de atividades físicas provocou grandes debates. Com base em pesquisa qualitativa, através de observações e entrevistas, buscou-se analisar qual a visão dos alunos sobre o uso da roupa adequada nas aulas de Educação Física, bem como compreender e interpretar a importância, os motivos do uso ou não da roupa adequada e procurar saber que jovem é esse que estamos lidando nos dias de hoje. A análise das informações indicou que os alunos atribuem importância ao uso da roupa adequada, embora nem todos a usem. Também apontam a necessidade de diálogo entre professor e alunos.

Palavras-chave: Educação Física no Ensino Médio. Juventude. Roupa Adequada.

ABSTRACT

This study aimed at reflecting on how high school students, that go to a public school, see the necessity of wearing appropriate clothing for Physical Education classes. The data presented and discussed here emerged from the experience acquired during the supervised practice that took place in 2013/2, when the concern about the adequate clothing for practicing sports heated great debates. Based on the qualitative surveys, through observations and interviews, it was pursued the analysis of which students' view about wearing appropriate clothes in Physical Education classes is, as well as the understanding and interpretation of the importance of wearing adequate clothing, reasons for wearing it or not and try to know who this youngster we have been dealing with these days is. The analysis of information has showed us that students give importance to wearing adequate clothing, although not all of them wear it and indicate the need for dialogue between teacher and students.

Keywords: Physical Education in High School. Youth. Appropriate Clothing.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVOS	12
2.1 OBJETIVO GERAL	12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3. REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1 JUVENTUDE	13
3.2 ROUPA ADEQUADA	15
4. METODOLOGIA	18
4.1 PESQUISA QUALITATIVA.....	18
4.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA	18
4.3 O PROCESSO DE COLETA DAS INFORMAÇÕES	18
4.4 VALIDEZ INTERPRETATIVA E CUIDADOS ÉTICOS	19
5. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	20
5.1 IMPORTÂNCIAS DA ROUPA	20
5.2 MOTIVOS PARA O USO OU NÃO USO.....	22
5.2 QUEM É ESSE JOVEM	24
6. CONSIDERAÇÕES	27
7. REFERÊNCIAS	28
8. APÊNDICES	30
8.1 Apêndice A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	30
8.2 Apêndice B - APRESENTAÇÃO À ESCOLA	32
8.3 Apêndice C - TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL	33
8.4 Apêndice D - ROTEIRO DA ENTREVISTA	35

1. INTRODUÇÃO

Durante o segundo semestre de 2013, tivemos o desafio de trabalhar com uma das turmas de 1º ano do Ensino Médio do Colégio Padre Rambo. Desafio, pois nunca havíamos trabalhado com alunos de uma idade tão próxima a nossa. Em função disso, elaboramos um plano de trabalho que trataria de temas discutidos com os alunos, a partir dos seus interesses e que nós, se alunos fôssemos, também gostaríamos de vivenciar.

Logo nas primeiras aulas, analisando a turma, percebemos que não tínhamos tantos alunos quanto constavam na chamada. Procuramos conhecer o grupo, os motivos da evasão escolar e os possíveis problemas que poderiam atrapalhar o bom andamento do semestre. Mesmo nas observações anteriores à turma, percebemos que grande parte dos alunos não estava participando, pois muitos estavam utilizando calças jeans – estritamente proibidas nas aulas de Educação Física pela professora titular da turma.

A partir dessa problemática do uso das calças jeans, trazida à tona nas reuniões do estágio, tivemos como um grande desafio criar alguma estratégia para que todos os alunos pudessem participar de nossas aulas e com a roupa adequada. Resolvemos trazer calças para os alunos, tentando solucionar o problema que vinha ocorrendo, baseados em suas justificativas, que diziam não poder levar consigo mais uma roupa para a aula de Educação Física.

Com o passar das aulas, percebemos que a grande maioria dos alunos estava interessada, participando, e as três calças disponibilizadas estavam fazendo com que tudo fluísse da melhor maneira. Mas isso não durou muito, pois alguns alunos que podiam trazer a calça não o faziam, pois já sabiam que o professor iria levá-las. Este não era o nosso objetivo. Queríamos que as calças funcionassem como uma medida paliativa, que resolveria um pequeno problema, mas este pequeno problema se tornou um problema maior.

Tomamos a providência de conversar com a turma; chamar a atenção deles, e dizer que a calça estava ali para aqueles que realmente necessitavam. Com isso, obtivemos uma melhora, mas durante as nossas aulas fomos percebendo que a

turma diminuía, coincidentemente com a divisão da turma em duas partes: uma que praticaria o voleibol e outra que praticaria o jiu-jitsu.

Essa divisão foi realizada para contemplar melhor o interesse dos alunos e permitir que proporcionássemos uma melhor atenção aos grupos nas respectivas modalidades trabalhadas. Entretanto, mesmo com tal estratégia, a ausência dos alunos às aulas continuou aumentando. Instigados pela situação que se apresentava, conversamos com a professora da turma, que nos falou que essa queda de alunos talvez não se devesse ao desinteresse ou a divisão da turma, pois à medida que o fim do ano se aproxima, os alunos com poucas chances de aprovação tendem a deixar a escola.

No decorrer das aulas, fomos nos questionando, refletindo e compartilhando experiências com os demais colegas do estágio. A partir dessas trocas, surgiram dúvidas quanto aos motivos principais que davam origem a esse problema – a resistência por parte de alguns ao uso de uma roupa adequada. Elaboramos um questionário que, de certa forma, respondeu nossas perguntas, mas deixaram lacunas a serem preenchidas, no sentido de que conseguimos compreender muitos dos motivos individuais e coletivos da resistência, porém alguns aspectos não nos pareceram tão claros.

Uma das conclusões mais surpreendentes, que apareceram nas respostas, foi de que os alunos parecem ter consciência da importância do uso de uma roupa adequada nas aulas de Educação Física. Ao contrário do que pensávamos, a falta de instrução ou de consciência, não figura como motivação principal do problema. Importância esta justificada pela melhor amplitude dos movimentos, conforto da roupa adequada e pela prevenção contra machucados, descritas pelos alunos no questionário respondido.

Apesar da importância atribuída ao uso da calça adequada, alguns alunos deixaram claro que o tal uso de calças jeans não afeta o desempenho ou a participação nas aulas, quando essas calças têm uma boa elasticidade.

Percebemos também que a forma como a professora anterior tratava o assunto, de maneira rígida, segundo os próprios alunos, acabou criando um clima ruim nas aulas e um ambiente desfavorável para tratar do próprio assunto.

Quanto à alternativa das calças disponibilizadas pelos professores estagiários, todos reconheceram que foi uma boa alternativa, na medida em que alguns alunos que não participavam anteriormente passaram a estar presentes. Porém, a maioria reconheceu que foi se tornando um hábito, houve uma acomodação por parte de alguns e que os alunos, que inicialmente não necessitavam, passaram a contar com as calças trazidas pelos estagiários.

Como problema principal, eles indicaram a questão do trabalho. A grande parte dos alunos que usam a calça jeans trabalha e disse não ter espaço nas bolsas para levar uma calça ou tênis adequados. Os alunos que não trabalham e eventualmente não vêm com a calça adequada, justificaram dizendo não ter calças disponíveis para a prática.

O que nos deixou muito contentes foi que os poucos alunos que se mantiveram nas aulas mostraram-se interessados em aprender, não apresentaram problemas com a roupa, evidenciando de alguma forma que não estavam ali somente porque eram obrigados.

Assim, as controvertidas atitudes e respostas diante do uso ou não da roupa adequada por parte dos alunos nas outras turmas e o sentimento de que o impasse não foi superado por todos os colegas estagiários nos instigou a refletir sobre que jovem é esse com quem estamos lidando nos dias de hoje? O que passa na cabeça dos adolescentes em relação a esse assunto? Qual o real entendimento desse jovem sobre o uso da roupa adequada nas aulas de Educação Física? Ou seja, qual a visão dos mesmos sobre a roupa nas aulas de Educação Física?

Importante destacar que a partir das discussões e reflexões realizadas naquele semestre foram desenvolvidos dois artigos envolvendo o tema.

O primeiro artigo intitulado: “O Estágio de Docência: Roupa Adequada nas Aulas de Educação Física” foi realizado a partir de relatos dos estagiários sobre a questão do uso da roupa adequada. No referido artigo, os autores chamam a atenção para a divergência de opiniões entre os estagiários e a professora responsável pela disciplina sobre a importância da roupa adequada nas aulas de Educação Física, gerando assim reuniões para discussão do assunto e a busca de alternativas para o impasse. O artigo ainda traz citações para reflexão de como o

uso do uniforme se localiza na cultura educacional brasileira, discute as formas de encaminhamento adotadas por eles, procurando muito mais perguntar do que responder, discutir do que afirmar.

O segundo artigo, “Roupa Adequada nas Aulas de Educação Física: Representações dos Estagiários” foi desenvolvido também a partir das vivências já relatadas, ocorridas no Estágio Supervisionado de Ensino Médio. Para poder compreender as divergências evidenciadas acerca do uso da roupa adequada, os estagiários foram desafiados a realizar reflexões nos relatórios finais, de onde surgiu o questionamento de quais eram as suas representações sobre o uso da roupa adequada nas aulas de Educação Física.

A partir da análise dos relatórios, à luz dos Estudos Culturais, foi possível identificar alguns elementos representativos da percepção dos estagiários como: a ausência de convicção sobre a necessidade desse uso; a questão da roupa como parte de uma cultura naturalizada e a roupa como elemento de regulação.

Assim, com a perspectiva de melhor compreender o fenômeno do uso ou não da roupa adequada nas aulas de Educação Física, este projeto tem como problema de pesquisa: Qual a visão dos alunos do Ensino Médio de uma Escola Pública Estadual sobre o uso de roupa adequada nas aulas de Educação Física?

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender qual a visão dos alunos do Ensino Médio de uma Escola Pública Estadual sobre o uso de roupa adequada nas aulas de Educação Física.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compreender a importância atribuída pelos alunos do Ensino Médio ao uso da roupa adequada nas aulas de Educação Física.

Verificar os motivos que levam os alunos ao uso ou não uso da roupa adequada nas aulas de Educação Física.

Conhecer que jovem é esse que está na escola frequentando o Ensino Médio nos dias de hoje.

Estabelecer possíveis relações entre a visão sobre o uso da roupa e as características do jovem de hoje.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 JUVENTUDE

Ao realizar este estudo, é de fundamental importância aprofundar o conhecimento e a compreensão sobre juventude, para sabermos quem são os jovens com quem estamos lidando. Segundo Neira, (2007, p. 135) “a juventude tem origem do latim *iuvene ou juventute*, e refere-se, respectivamente, àquele que não chegou à idade adulta e a uma série de características que são próprias dos jovens”. Melucci & Fabbrini (*apud* Dayrell, 2003) amplia essa forma de compreender a adolescência e a juventude. Para ele, existe uma sequência temporal no curso da vida, cuja maturação biológica faz emergir determinadas potencialidades. Nesse sentido, é possível marcar um início da juventude, quando fisicamente se adquire a capacidade de procriar, quando a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família, quando começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e a dar provas de auto-suficiência, dentre outros sinais corporais e psicológicos.

Dayrell (*apud* Peralva, 1997) declara que a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado e, no seu interior, cada grupo social vai lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos.

As diferenças de classe e de renda marcam não só o futuro dos jovens, pelas possibilidades de estudo e qualificação profissional, como também a qualidade de vida no presente: condições de moradia, saúde, acesso a bens culturais e a informação, práticas de lazer, satisfação dos desejos de consumo. Além desses elementos, interferem também fatores como o cotidiano violento, a exposição ao risco, a exploração durante o trabalho e outras condições infelizmente presentes nos grupos socialmente desprivilegiados dos meios urbanos (FARACO et al, 2004, *apud* NEIRA, 2007, p. 134).

Nessa direção percebemos que a juventude é uma fase da vida pela qual todas as pessoas passam, onde vão lidar com muitas coisas novas e diferentes que

vão acontecer ou que já estão acontecendo nas suas vidas, e cada sujeito agirá de forma diferente de acordo com seu contexto sócio-cultural, com essas “novidades”, assim como cita Dayrell (*apud* Charlot, 2000) “o ser que é igual a todos como espécie, igual a alguns como parte de um determinado grupo social e diferente de todos como um ser singular”.

Deparamo-nos, no cotidiano, com uma série de imagens a respeito da juventude que expressam diferentes modos de compreender esse período da vida, representados tanto por uma visão romântica como também por uma visão em que a juventude é vista como uma fase complicada.

A juventude vista como um momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos com a autoestima e/ou com a personalidade. Ligada a essa ideia, existe uma tendência em considerar a juventude como um momento de distanciamento da família, apontando para uma possível crise da família como instituição socializadora (MORCELLINI, 1997; ZALUAR, 1997; ABROMAVAY *ET AL.*, 1999, *apud* DAYRELL, 2003).

Por outro lado, observações realizadas no artigo “O jovem como sujeito social”, indicam que nem sempre existe essa crise

Naquilo que nos foi possível apreender, não evidenciamos a existência de uma crise na entrada da juventude, muito menos sinais de conflitos atribuídos tipicamente aos adolescentes. Se existe uma crise, esta foi constatada na passagem para a vida adulta (DAYRELL, 2003, p.13).

Outro fator que também chama a atenção em relação à juventude hoje é a cultura juvenil, que seria uma cultura produzida/criada pelos jovens, ou seja, uma cultura em que as diferentes juventudes produzem arte, compartilham, articulam circuitos, disputam concepções e, enfim, renovam a cena cultural. De acordo com Neira, (2007, p. 146) “A cultura juvenil, como se nota, constrói por meio dos seus poderosos mecanismos identitários, um universo específico e distintivo do mundo adulto – linguagens, marcas corporais, vestimentas, práticas sociais e sexuais”. Já é pensado nessa cultura juvenil sendo tematizada no currículo escolar

por exemplo, em algumas áreas como as ciências humanas, dada sua característica de lidar com o sujeito no tempo, no espaço e em suas dimensões cronológicas e filosóficas. A cultura juvenil, dando seu potencial expressivo, oferece uma interface com a riqueza dessas expressões para a área de linguagens, ao se analisar a música, a gestualidade, a indumentária, a língua e os códigos. No tocante às ciências da natureza, a biologia é uma forte aliada,

quando se discutem mudanças corporais e algumas dimensões da sexualidade (Cruz et al, 2005, apud Neira, 2007, p. 148).

Essa cultura juvenil, por muitas vezes, não é compreendida pela escola, fazendo com que ocorram divergências entre ambos os lados, pelo fato da instituição não aceitar que existam outras linguagens que não sejam os dela

Com uma concepção assimilacionista de valorização da cultura dominante, a escola nega a existência de outras linguagens e saberes pertencentes a grupos subordinados, assim como outros meios de apropriação distintos daqueles consagrados por ela própria. Mas manter essa postura fechada é seguir pensando que a escola continua a pensar a transferir uma cultura adulta hegemônica aos jovens (NEIRA, 2007, p. 149).

Nesse sentido, o que era para ser uma escola que incentivasse as diversas culturas acaba por não demonstrar interesse no que os alunos trazem.

Com isso, a escola demonstra pouco interesse no patrimônio cultural trazido pelos alunos, quando não o desqualifica e deixa de cumprir o seu papel como instituição que potencializa o acesso e a ampliação da cultura (NEIRA, 2007, p. 150).

Estas e outras questões nos instigam a refletir sobre o comportamento dos alunos do Ensino Médio, no que diz respeito ao uso de uma determinada roupa para as aulas de Educação Física.

3.2 ROUPA ADEQUADA

Outro aspecto importante para poder realizar essa pesquisa é compreender um pouco do histórico do uso da roupa adequada nas aulas de Educação Física e procurar saber seus significados

As roupas afirmam traços humanos, revelam pertencimentos ou exclusões, assim como diferenças entre uma *natureza corporal* e as marcas da cultura. Elas constroem, compõem, fabricam as aparências, contam trechos das histórias miúdas, cotidianas, banais (ROUCHE, 1997, APUD SOARES, 2011).

Segundo pesquisa realizada pela professora Carmen Soares, foi no início do Século XX, com a realização dos primeiros “Jogos Olímpicos Modernos” que começaram as discussões acerca das vestimentas esportivas e também nesse momento começaram a impulsionar a cultura do corpo, da Educação Física e do

esporte. Com isso, começaram a pensar em roupas e calçados especiais para a prática esportiva. Logo no começo, as roupas consideradas específicas para o esporte eram principalmente postuladas como uma medida higiênica, estética e em menor escala pensada no desempenho dos atletas. Abrangendo um período mais ou menos entre 1920 e 1940, época de muitas transformações na sociedade brasileira e na cultura vestimentar, surgindo assim o estilo esportista.

Vestir-se com especificidade para atividades distintas torna-se, assim, desejo de muitos, busca constante, necessidade nova afirmada. Com as roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte não foi diferente, e esses *modelos* que iriam influenciar a moda de uma maneira geral criaram, assim, um *estilo*, evocando proteção, facilidade de uso, conforto — em uma palavra: liberdade! (SOARES, 2011).

Com o passar dos anos, nos anos de 1940-1950 as roupas foram aliando estética/higiene com desempenho. E foi na década 40 que alavancou a indústria da vestimenta esportiva com diversas lojas e confecções de materiais esportivos.

Na década de 60 dificilmente se usava tênis na rua, algo que hoje em dia é difícil de imaginar, já que a grande maioria dos jovens opta pelo uso do tênis, por diversos aspectos como, por exemplo, moda e conforto.

Hoje em dia, nos encontramos no ápice da tecnologia, com materiais esportivos de última geração

é notória a utilização de tecnologias aplicadas na estrutura e composição de vestuários destinados a prática desportiva, esta tecnologia consiste na produção de vestes que garantem o controle térmico do desportista, mantendo assim o conforto, são tecnologias com finalidades interativas, leves, respiráveis e de rápida secagem, a prioridade será sempre garantir o conforto do desportista (FILGUEIRAS et al, 2008 *apud* TITON, 2012).

E com isso seria de se imaginar que nas aulas de Educação Física todos os alunos usariam a roupa adequada, porém não é isso que acaba acontecendo. Em relação ao uso da roupa adequada nas aulas de Educação Física cada escola opta pela obrigação ou não, e as que cobram, por vezes, acabam enfrentando problema dos alunos não levarem a roupa adequada por algum motivo

devido há algumas experiências negativas, onde eles acabam usando a roupa inadequada como escudo protetor, não fazendo as atividades, assim livrando-se de possíveis chacotas (MACHADO, 2014 *apud* DARIDO, 1999).

Já de acordo com relatos de experiência

Esse acontecimento é comum nas atividades práticas, os alunos não têm o conhecimento e a consciência da importância do uso de um uniforme adequado na realização das práticas corporais, mesmo no esporte de alto rendimento (NASCIMENTO et al *apud* BORGES, 2006).

Outro fato que pode acontecer dos alunos não virem com a roupa adequada é a desmotivação e quando os alunos não estão motivados para as aulas de Educação Física acabam deixando de trazer as roupas

no final do Ensino Fundamental os adolescentes se tornam mais desmotivados para a realização das aulas de Educação Física Escolar pois adquirem uma visão mais crítica e já não atribuem à disciplina tanto crédito. Destacam que a atividade física cede espaço para outros núcleos de interesse como a sexualidade, o trabalho, o vestibular, etc (NASCIMENTO et al *apud* BORGES, 2006).

Diferente do que expressaram nossos alunos no estágio, existe parte dos estudantes que não tem consciência da importância do uso da roupa adequada para realização das práticas corporais, sendo necessário haver um conforto fisiológico

conforto fisiológico garante o conforto psicológico, ou seja, é sabido que o desempenho físico esta condicionado ao bem estar do atleta por isso faz-se importante a conscientização e utilização de tecidos que possa possibilitar maior flexibilidade ao corpo, proporcionando assim a liberdade de movimento adequada à ergonomia do atleta (Halasová, 2005 *apud* TITON, 2012).

Outro aspecto também destacado na literatura diz respeito à necessidade de saber usar a roupa certa dependendo da atividade que pretende realizar, pois o que acontece é que os jovens são muito influenciados pela moda, por determinado atleta usar a roupa tal, como relatam Sousa & Pelegrini (2008), “muitos indivíduos usam roupas esportivas sem saber para que esporte aquela roupa seja adequada, apenas usam tais roupas porque estão na moda ou porque determinado atleta usa aquela marca”.

Assim, inúmeros aspectos têm sido identificados nas relações entre alunos e professores na escola, quando se trata do uso da roupa adequada nas aulas de Educação Física. Tais situações evidenciam resistências que acabam ocasionando tensionamentos que nos instigam a realizar este estudo.

4. METODOLOGIA

4.1 PESQUISA QUALITATIVA

A minha escolha pela pesquisa qualitativa vai muito pelo fato de não querer desconsiderar praticamente nada do que for coletado nas entrevistas e, com isso, esse trabalho se encaixa nesse pensamento, pois acaba por não generalizar os resultados nas coletas de informações, de acordo com Negrine, (2004, p.61) “isso significa que as inferências que se produzem a partir do processo investigatório se traduzem em hipóteses de trabalho, que se refere a um contexto particular.” Por fim, tendo em vista o objetivo do estudo, julgo que o levantamento qualitativo é o processo mais adequado para a realização dessa pesquisa.

4.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes da entrevista foram 12 estudantes dos 2º anos do Ensino Médio do turno da tarde do Colégio Estadual Padre Rambo, sendo que a escola tem duas turmas de segundo ano e em cada turma foram entrevistados três meninos e três meninas, os quais foram alunos dos estagiários no Estágio Supervisionado realizado no segundo semestre de 2013. A entrevista foi realizada durante o horário da aula de Educação Física de cada turma, em que os estagiários estavam dando aula e conforme fosse possível eram liberados para participar da entrevista de forma aleatória.

4.3 O PROCESSO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

A coleta de informações foi realizada de duas maneiras: a primeira através de uma entrevista semiestruturada, procurando favorecer a possibilidade de diálogo, assim como sugere Molina Neto (2010, p. 134), entrevistas semiestruturadas possibilitam “um roteiro para o diálogo e pela flexibilidade que permite aos participantes incluir contribuições relevantes e novas questões sobre o foco do estudo”; e a segunda foi através de observações, nas respectivas turmas, durante as aulas de Educação Física, com registro em diário de campo.

Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas

hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador.

“[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

A observação foi realizada como observador participante, em que segundo Negrine (2004, p. 68) o observador não participa dos acontecimentos. Ele observa e registra os acontecimentos no momento em que ocorrem.

A coleta foi realizada a partir de visitas feitas à escola onde foram desenvolvidas as observações e entrevistas. Num primeiro momento foi feito contato com a direção para combinar as formas de acesso às aulas. A diretora da escola concedeu liberdade para circular pela instituição, facilitando assim as observações e entrevistas. Essas observações e entrevistas foram realizadas não somente durante as aulas de Educação Física, mas também desde o momento em que os alunos entraram na escola aguardando o sinal para terem que se dirigir para as aulas, até o momento da saída, procurando conhecer mais os alunos, escutar o diálogo dos jovens.

4.4 VALIDEZ INTERPRETATIVA E CUIDADOS ÉTICOS

Foi pedido que os colaboradores assinassem um *termo de consentimento livre e esclarecido*, em que constaram os objetivos da pesquisa e os métodos utilizados para o seu desenvolvimento.

A validade interpretativa se deu através da transcrição da entrevista “com fidelidade, sem alteração dos vocábulos utilizados, para evitar a contaminação das informações” (NEGRINE, 2004, p. 77). Após a transcrição, o texto foi apresentado aos alunos colaboradores para que fizessem as correções que julgassem necessárias e/ou validassem as informações como verdadeiras.

Ao final da pesquisa, foram apresentadas aos colaboradores as interpretações e teorizações feitas a partir da entrevista e das observações para que fosse constatada sua total privacidade.

5. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Para melhor poder discutir os conteúdos das informações coletadas nas entrevistas foram selecionadas três categorias de análise e escolhidas de acordo com os objetivos do estudo. A primeira categoria foi *Importância da roupa* que contempla o objetivo específico “Compreender a importância atribuída pelos alunos do Ensino Médio ao uso da roupa adequada nas aulas de Educação Física.”

O segundo objetivo específico “Verificar os motivos que levam os alunos ao uso ou não uso da roupa adequada nas aulas de Educação Física” está relacionado à segunda categoria: *Motivo para o uso ou não uso da roupa adequada*. Por fim, os dois últimos objetivos específicos: “Conhecer que jovem é esse que está na escola frequentando o Ensino Médio nos dias de hoje” e “Estabelecer possíveis relações entre a visão sobre o uso da roupa e as características do jovem de hoje” tem relação com a última categoria *Quem é esse jovem*.

5.1 IMPORTÂNCIAS DA ROUPA

Ao serem perguntados sobre qual a opinião acerca de que roupa usar nas aulas de Educação Física, os alunos responderam de forma unânime que a roupa adequada tem sim sua importância, porém alguns alunos apresentaram discordância de opiniões no que diz respeito ao porquê consideram importantes. Dentre os entrevistados foi destacado que com a roupa adequada eles conseguem ter uma melhor flexibilidade para realização dos movimentos e com outras palavras foi dito que com a roupa adequada eles se sentiam mais confortáveis na aula, a exemplo das falas abaixo

Acho que é importante vir com a roupa adequada pra não impedir na flexibilidade né. (Homem 4)

Eu acho que todos nós temos que colaborar e usar uma roupa que fique confortável que dê pra fazer os movimentos. (Mulher 5).

Eu acho que a calça não é desconfortável e o tênis é o mais confortável para fazer as aulas de Educação Física. (Mulher 2).

Ao comparar com as respostas de um trabalho realizado em 2012 em Roraima, foram encontrados resultados muito semelhantes, em que segundo Titon

(2012) “a maioria dos alunos (99%) confirmou a importância da vestimenta adequada para a prática esportiva, enfatizando que a mesma exerce um papel que influi em toda a diferença na prática desportiva, colaborando e ampliando as atividades físicas, dando maior flexibilidade e conforto ao praticante”.

Outro fator que apareceu, porém com menos frequência, foi que não usando a roupa adequada o aluno poderia se machucar.

É melhor usar sempre abrigo, coisa assim, porque é indicado, e daí tu não tem o perigo de se machucar. (Homem 2).

Esta manifestação parece indicar que o aluno tem conhecimento dos riscos decorrentes do uso de uma peça de roupa inadequada para sua integridade física.

Contrastando essa situação

Em seu relato de experiência, comenta sobre dificuldades enfrentadas semelhantes as nossas com alguns alunos, os quais também não vinham com roupas adequadas para a prática da Educação Física. Esse acontecimento é comum nas atividades práticas, os alunos não têm o conhecimento e a consciência da importância do uso de um uniforme adequado na realização das práticas corporais, mesmo no esporte de alto rendimento (NASCIMENTO et al *apud* BORGES, 2006).

Outro ponto observado foi que alguns alunos ressaltaram a importância da colaboração da turma em vir com a roupa adequada para o professor não precisar ficar chamando a atenção de sua importância

Eu acho que todos nós temos que colaborar e usar uma roupa que fique confortável, que dê pra fazer os movimentos e colaborar com os professores também, pra eles não ficarem tendo que tá pedindo, implorando assim, é bastante importante a colaboração de todos. (Mulher 5)”

A fala da aluna, ao destacar a importância da colaboração dos colegas com os professores, parece reivindicar mais tempo de aula, parece cobrar dos colegas uma melhor atitude em relação a esse quesito; parece querer encontrar nos colegas maior disponibilidade para uma participação efetiva nas aulas de Educação Física.

Essa colaboração que a aluna fala pode ter a ver com desperdício de tempo que os alunos levam para o deslocamento, troca de roupa, entre outros fatores

Muitas vezes o tempo destinado às aulas de educação física não é aproveitado, de fato, como tempo de realização de práticas corporais de movimento.

A troca de roupa e o deslocamento dos estudantes da sala para o espaço de realização da aula, além das atividades propostas pelo professor, podem explicar a diferença entre o tempo disponível e o tempo real de desenvolvimento das aulas. [...] A baixa média de tempo despendido efetivamente em atividade física moderada a vigorosa ocorre em função de aulas com curta duração total e baixas proporções dessas atividades (Gasparetto, 2014, p.10).

5.2 MOTIVOS PARA O USO OU NÃO USO

O segundo questionamento feito para os alunos foi em relação aos motivos do uso ou não da roupa adequada nas aulas de Educação Física. Nessa pergunta apareceram diversas opiniões, tanto alunos alegando motivos para seu uso quanto para o não uso, mas o que deve ser levado em consideração é que todos os alunos julgaram a roupa adequada como sendo algo de valor e quando acabam por não vir com a mesma, apresentam seus motivos, justificando tal atitude. Em relação aos motivos dados pelos alunos, para o não uso aparece a questão do trabalho:

Porque eu trabalho de manhã e daí eu venho direto do trabalho. (Mulher 2)

Esse foi um fator que deve ser considerado, pois boa parte dos alunos que trabalha no turno inverso ao da aula acabou justificando que não fica viável trazer o uniforme quando se tem que trabalhar. Essa situação às vezes se soma a outras circunstâncias particulares que também interferem no atendimento a esse quesito.

Eu costumo sempre que eu posso vir de roupa apropriada. Quando eu venho do trabalho ou quando eu venho de alguma reunião aí realmente eu não tenho como vir de roupa apropriada né; posso até trazer? Posso, só que às vezes não dá, é que eu moro em três casas diferentes, então é um pouco complicado. (Homem 3)

Essa manifestação indica que não só o trabalho diretamente implica em dificuldades. Circunstâncias familiares também impõem situações às vezes adversas para o cumprimento da demanda da roupa. Como contorná-las?

Entretanto, nem todos os alunos trabalhadores demonstraram esse problema como justificativa para não trazer a roupa adequada.

Sempre venho do jeito que eu quero, mas na hora de Educação Física eu tenho um abrigo guardado na mochila. (Homem 2).

Esses alunos, que já trabalham ou realizam estágios, podem vir a ser mais maduros do que os seus colegas que somente estudam pelo fato de no seu trabalho/estágio ter que assumir algumas responsabilidades como, por exemplo, ter de cumprir horários, funções e etc. Até por serem “obrigados” a amadurecer mais cedo e assumir tais responsabilidades, esses alunos podem levar mais a sério o pedido dos professores para virem com a roupa adequada. Oliveira e colaboradores (2007) fizeram uma análise comparativa dos jovens do Ensino Médio de uma escola pública, entre 14 e 18 anos, que trabalham e não trabalham.

Algumas pesquisas mostram os múltiplos efeitos do trabalho infanto-juvenil, tanto em áreas urbanas quanto rurais. Alguns autores argumentam sobre aspectos positivos da entrada precoce na força de trabalho, no sentido de contribuir para o crescimento do jovem como pessoa e cidadão, incorporando sentimentos de autoestima e realização à personalidade, desde que compatível e equilibrado com a sua capacidade física (Oliveira e colaboradores, 2007, p. 764).

Outros entrevistados procuraram falar que dependendo da aula, no caso se for teórica ou alguma que não exigisse muito, não haveria a necessidade de vir com a roupa adequada, mas para isso eles ressaltam que o professor deve avisar antes para que todos fiquem cientes, assim como argumentou uma das entrevistadas

Depende, se a aula for muito puxada a gente tem que vir com a roupa adequada, mas se a gente fizer alguma coisa mais leve que não prejudique a gente deve vir de jeans eu acho. (Mulher 4).

Ainda sobre a diferença das roupas em cada tipo de aula, teórica e/ou prática, outro entrevistado assim se manifestou:

Os alunos deveriam ter um tipo de um planejamento para que saibam os dias que têm que vir e os que não têm, porque às vezes é aula teórica e às vezes a gente faz aulas práticas, ou seja, não é sempre que se usam as roupas e têm vezes que realmente não tem como a gente vir de roupa apropriada à Educação Física, mas não deveria ser deixado de fora o aluno que não vem de roupa adequada. (Homem 3).

Nessas falas, os alunos parecem reivindicar maior troca dos professores com eles sobre o cronograma/planejamento das aulas, de forma que pudessem, antecipadamente, se organizar com a/o roupa/material necessária/o. Chama a atenção nesse comentário à ocorrência de aulas teóricas indicando que nem sempre

a roupa adequada é elemento indispensável nas aulas. Como encaminhar essas questões? Não estaria aqui uma importante reflexão a ser realizada sobre a responsabilização dos alunos como copartícipes nas aulas?

5.3 QUEM É ESSE JOVEM?

Outro aspecto da minha pesquisa é de procurar saber que jovens são esses que frequentam as aulas de Educação Física nos dias de hoje e quais as possíveis relações entre o uso ou não da roupa e suas condições de juventude. Com o auxílio das entrevistas e observações constatei que nesse grupo de alunos do segundo ano do ensino médio, entrevistado, a idade varia dos 16 aos 18 anos. Esse dado está próximo do que aponta a proposta Pedagógica do RS sobre a idade líquida, ou idade esperada para o Ensino Médio, entre 15 e 17 anos. Ou seja, os alunos entrevistados não se afastam muito do previsto. Ainda de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (2013), o Ensino Médio é composto predominantemente por jovens e adolescentes. Segundo o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), são considerados jovens os sujeitos com idade compreendida entre os 15 e os 29 anos, ainda que a noção de juventude não possa ser reduzida a um recorte etário (Brasil, 2006).

Parece haver um equilíbrio entre o número de alunos que trabalha e de alunos que não trabalha entre os entrevistados. As idades acabam variando, não tendo, por exemplo, relação entre a idade e o envolvimento ou ingresso no mundo do trabalho, ou seja, um aluno mais velho trabalhando e o mais novo não. A atividade infanto-juvenil como vimos anteriormente pode vir a trazer benefícios para os adolescentes, mas também pode acarretar em alguns malefícios que podem ser percebidos durante as aulas.

autores encontraram resultados que corroboram algumas das consequências negativas do trabalho infantil e adolescente, destacando-se a falta de experiência no trabalho, a inadequada supervisão, a execução de tarefas perigosas que envolvem riscos à vida e o inadequado conhecimento sobre os riscos do trabalho, além dos débitos acumulados de sono, decorrentes das atividades de trabalho e estudo, uma vez que a perda aguda de sono gera nível elevado de sonolência durante o dia, momentos de desatenção, curtos episódios de sono que passam despercebidos, queda no desempenho e alterações dos estados de ânimo (Oliveira e colaboradores, 2007, p. 764).

Nessa perspectiva, o trabalho pode ser um elemento de emancipação do jovem ou um elemento de exclusão social, quando não desafia e não promove o jovem pessoal ou profissionalmente.

E em relação ao morar com a família, todos os alunos entrevistados moram com as suas famílias

Sim, com a minha mãe e com os meus irmãos. (Mulher 2)

Moro com o meu pai e com a minha tia. (Mulher 5)

Moro com a família. (Homem 4)

Embora exista um pensamento de senso comum que coloca a juventude, em especial a das classes populares, como um tempo de rebeldia e desajustes, em relação à família, à escola, enfim às instituições, estudos indicam que tal visão não é uma realidade a ser naturalizada. Nesse sentido, Dayrell (2003) destaca que existe uma tendência em considerar a juventude como um momento de distanciamento da família, apontando para uma possível crise da família como instituição socializadora. Entretanto, esse autor traz reflexões importantes sobre a presença das famílias na constituição dos jovens.

Como foi observado nas entrevistas, a maioria dos alunos não relatou nenhum tipo de crise familiar, tendo somente um entrevistado argumentando que não tinha muito contato com a sua mãe

Moro com a minha família só que sou um pouco afastado da minha mãe, mas moro com a minha família. (Homem 3)

No tempo que eles têm de lazer, esses jovens mostraram-se bem caseiros, a maioria deles, em grande parte do tempo, gosta de ficar em casa, de mexer na Internet, assistir televisão e estudar.

A cada ano que passa, a tecnologia vem atingindo cada vez mais seu ápice, sempre procurando entreter mais as pessoas. A tecnologia entre os jovens é quase uma unanimidade, sendo que cada vez mais todas as pessoas estão conseguindo ter acesso à Internet e condições de comprar celulares modernos, que funcionam praticamente como computadores. Os jovens são os que mais procuram aderir à

tecnologia e buscam sites de relacionamentos para fazer novas amizades, além de poder aproveitar o que de melhor a tecnologia pode proporcioná-los

No meu entendimento, a Internet reúne três campos que pareciam distintos uns dos outros até o advento e socialização da web, que são a cultura, a comunicação e a informação, ou seja, as fronteiras entre estes três temas foram quebradas, desapareceram (GARBIN 2003, p. 121).

Nessa perspectiva, as tecnologias parecem preencher em parte o tempo de lazer dos jovens entrevistados, evidenciando estar implicando no modo de vida desses jovens.

6. CONSIDERAÇÕES

A partir do estudo e análise dos dados e em consonância com os objetivos que orientaram esta investigação foi possível verificar:

Sobre a importância e uso da roupa adequada:

- todos os jovens entrevistados parecem ter consciência da importância da roupa adequada nas aulas de Educação Física;
- entre as respostas que mais apareceram estava a flexibilidade e o conforto para o movimento como os principais elementos;
- apesar desses alunos considerarem o uso da roupa adequada como algo importante, existem fatores que interferem no cumprimento dessa exigência. Entre eles o trabalho, aliado à dificuldade de carregar roupa na mochila;
- há uma proposta de que os professores dialoguem com os alunos a respeito do tipo de aula (teórica ou prática), pois nem sempre vai haver a necessidade de ir com a roupa adequada; e
- uma aluna sugeriu que deveria haver colaboração com os professores, parecendo reivindicar mais tempo de aula.

Sobre quem é esse jovem:

- praticamente metade dos estudantes entrevistados já ingressou no mundo do trabalho;
- tal fato pode ser fator de amadurecimento precoce ou dependendo do tipo de trabalho pode ser fator de exclusão da escola e da cidadania; e
- são jovens que moram com as suas famílias e em sua maioria gosta de ficar em casa, vendo televisão, usufruindo da Internet e de estudar.

Ao término deste estudo, que não pretendeu buscar soluções, mas compreender aspectos que perpassam a questão da roupa nas aulas de Educação Física, uma questão poderia emergir como possibilidade de novas reflexões:

- Será que um maior diálogo entre professores e alunos no planejamento das aulas, conferindo maior protagonismo aos mesmos, poderia influenciar positivamente na melhor gestão por parte de todos no que diz respeito ao uso da roupa adequada nas aulas de Educação Física?

7. REFERÊNCIAS

ABROMAVAY, Miriam *et al.* **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília.** Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – 2002, 1(1): 73-81.

BORGES, Fernanda Panzenhagen. Educação Física adaptada: o aprendizado, a vivência, e a formação do conhecimento: uma construção acadêmica. **Lecturas, Educación Física y Deportes, Revista Digital** - Buenos Aires - Año 11 - N° 103 - Diciembre de 2006.

BRASIL / Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes curriculares nacionais da Educação Básica;** Brasília: MEC, 2013.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Porto Alegre: Artemed, 2000.

CRUZ, A. Culturas Juvenis na escola. **Uma escola para jovens.** www.tvebrasil.com.br/salto/boletins200/uejtxt1a.html. Acesso em 2014.

DAYRELL, O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, no.24, Sept./Dec. 2003

DARIDO, Suraya Cristina *et al.* Educação Física no Ensino Médio: Reflexões e Ações. **Motriz,** Rio Claro, v.5, n.2, p. 138-145, dez. 1999.

FARACO, C. E. *et al.* **O jovem, a escola e os desafios da sociedade atual: *ofício de professor: aprender mais para ensinar melhor.*** São Paulo: Fundação Victor Civita, 2004.

FILGUEIRAS, Araguacy *et al.* A Importância de Fibras e Fios no Design de Têxteis Destinados à Prática Desportiva. **Revista da Associação Estudos em Design PUC-Rio,** 2008.

GARBIN, Elisabete Maria. Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais. **Revista Brasileira de Educação,** n.3, p. 764, 765. maio/jun/jul/ago 2003.

GASPARETTO, Sabine. **O gerenciamento do tempo das aulas de educação física no ensino médio.** Porto Alegre: Lume, 2014.

HALASOVÁ, Antonín Havelka. Transport phenomenon at barrier textiles used for sport clothing. In: **4th CENTRAL EUROPEAN CONFERENCE 2005.** Czeck Republic, 2005. p. 141-142.

MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. *In:* MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS,

Augusto Nivaldo Silva. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: Alternativas Metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 68.

MORCELLINI, Mario. **Passagio al futuro: formazione e socializzazione tra vecchi e nuovi media**. Milão: Franco Angeli, 1997.

NEIRA, Marcos. Aprendendo sobre o outro: cultura corporal juvenil. **Ensino de Educação Física**. São Paulo: Editora Thomson, 2007. p. 133-150.

OLIVEIRA, Denize *et al.* Representações sociais do trabalho: uma análise comparativa entre jovens trabalhadores e não trabalhadores. **Ciênc. saúde coletiva vol.15 no.3**, Rio de Janeiro May 2010. p. 764, 765.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, ANPEd, nº 5/6, 1997.

ROCHE, D. **Histoire des choses banales: naissance de la consommation** (XVII-XIXème siècle). Paris: Fayard, 1997.

SOARES, Carmen. As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 3 (66), p. 81-96, set./dez. 2011.

ZALUAR, Alba. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. *In*: VIANNA, Hermano (org.). **Galeras cariocas, territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

8. APÊNDICES

8.1 APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos vossa senhoria a participar do projeto intitulado “A visão dos alunos do ensino médio de uma escola pública estadual sobre o uso de roupa adequada nas aulas de Educação Física” que tem como objetivo principal compreender a profissionalidade docente em Educação Física, na perspectiva da educação pública no Brasil, tendo por base a rede estadual de ensino do Estado do Rio Grande do Sul.

Procedimentos

Durante a realização do trabalho de campo, as informações para este estudo serão coletadas através de observações, registros em diário de campo e entrevistas. As entrevistas serão feitas no horário de funcionamento da escola e de realizações de atividades docentes como aulas, reuniões, conselhos de classe e intervalo. Os registros serão de forma descritiva, não havendo registro que emita juízo de valor.

As entrevistas serão previamente agendadas, serão realizadas em seu local de trabalho. Estas serão gravadas, transcritas e devolvidas para sua confirmação e, se necessário, correção de informações.

O relatório final deste estudo também lhe será devolvido para leitura e apreciação das informações coletadas e interpretações realizadas.

Confidencialidade

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória.

Voluntariedade

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Denise Grosso da Fonseca

Orientadora

dgf.ez@terra.com.br

Eduardo Rachelle Boaz

Orientando

eduardoboaz@hotmail.com

Porto Alegre, _____ de _____ de 2014.

Eu, _____, aceito participar deste estudo e declaro que fui informado de forma clara e detalhada acerca dos processos de aplicação e dos objetivos deste estudo, podendo retirar meu consentimento a qualquer momento sem nenhum prejuízo a minha pessoa.

Assinatura do participante

8.2 APÊNDICE B - APRESENTAÇÃO À ESCOLA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

APRESENTAÇÃO

Apresentamos o aluno EDUARDO RACHELLE BOAZ que está desenvolvendo seu Trabalho de Conclusão de Curso, através do projeto de pesquisa intitulado: “A VISÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL SOBRE O USO DE ROUPA ADEQUADA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA”. Nesta perspectiva solicitamos que o mesmo possa realizar observações de aulas, entrevista com professores, bem como ter acesso ao Projeto Político Pedagógico da escola e aos planos de ensino de Educação Física dessa instituição educacional.

Certos de contarmos com a sua atenção, agradecemos.

Porto Alegre, de 6 outubro de 2014.

Profa. Dr^a Denise Grosso da Fonseca

Orientadora do Trabalho

8.3 APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL

Prezado(a) Sr(a). Diretor(a)

O projeto *A visão dos alunos do ensino médio de uma escola pública estadual sobre o uso de roupa adequada nas aulas de Educação Física* tem por objetivo compreender qual a visão dos alunos do Ensino Médio de uma Escola Pública Estadual sobre o uso de roupa adequada nas aulas de Educação Física. É um projeto desenvolvido pelo estudante de graduação Eduardo Rachelle Boaz, com orientação da professora Denise Grosso da Fonseca, como trabalho de conclusão de curso da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O estudo será desenvolvido através de observações de aulas de Educação Física e de entrevistas com seis alunos de cada 2º ano do colégio. A entrevista será agendada previamente e, mediante o consentimento do professor, será gravada. As observações ocorrerão no período em que o professor estiver em aula, sem que sejam prejudicadas as atividades desenvolvidas na classe.

Será mantida em sigilo a identidade da escola, dos alunos participantes da pesquisa e os dados coletados servirão exclusivamente para fins de trabalho de conclusão de curso. Todos os resultados estarão disponíveis à direção e aos professores participantes do estudo.

Compreendo que as atividades da pesquisa apresentam os riscos inerentes aos instrumentos utilizados. Em caso de possíveis imprevistos posso esperar o cuidado do responsável pela pesquisa, que tomará as medidas cabíveis ao ocorrido e, se necessário, realizará o transporte até o local onde possa ser recebido um atendimento especializado.

Eu, _____ (nome do diretor (a)),
 diretor(a) da escola _____
 (nome da escola) autorizo a realização da investigação *Ser e fazer docente* nas dependências da escola, com a participação do estudante Eduardo Rachelle Boaz, orientado pela professora Denise Grosso da Fonseca.

Também fui informado(a) da garantia de receber esclarecimento às perguntas e dúvidas relacionadas ao estudo; da liberdade de poder retirar o consentimento de

realização desta pesquisa nas dependências da escola e da segurança da preservação de identidade da escola e de todos os envolvidos no estudo na publicação dos dados no trabalho final.

Agradecemos vossa colaboração e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos/informações, que poderão ser realizados através do telefone (51) 9699-5739 ou pelo endereço eletrônico (eduardoboaz@hotmail.com) diretamente com o estudante Eduardo Rachelle Boaz, (51) 9699-5739, com a orientadora da pesquisa, Denise Grosso da Fonseca.

Nome da escola

Assinatura do(a) diretor (a) da escola

Assinatura da pesquisadora

Porto Alegre, 6 de outubro de 2014.

8.4 APÊNDICE D - ROTEIRO DA ENTREVISTA

Nome? Idade? Sexo? Você trabalha?

Qual a tua opinião sobre que roupa usar na aula de Educação Física?

Como tu costumava realizar as aulas de Educação Física? Por quê?

Como é a tua vida fora do colégio? O que tu gostas de fazer fora da escola? Mora com a família?

O que tu gostas de fazer nos horários livres? (lazer, religião, dança)